

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DE VIGILÂNCIA NAS TERRAS INDÍGENAS MEKRANGNOTIRE E BAU/ANO 2008/3ª FASE – DESENVOLVIDAS PELOS AGENTES AMBIENTAIS INDÍGENAS, CHEFES DE POSTOS E LIDERANÇAS KAYAPÓ DO SUBGRUPO MEKRANOTI SOB A RESPONSABILIDADE DO INSTITUTO KABU

Contexto

O Instituto Kabu em 2008 teve boa atuação no que tange a articulação com as comunidades Kayapó de Kubenkokre, Pukanu e Bau para que realizasse uma ação de vigilância nas fronteiras com total acompanhamento e execução dos Agentes Ambientais Indígenas. Na época chegou-se à conclusão que os mesmos por terem participado de treinamentos junto ao IBAMA, adquiriram boa experiência, conhecimento e assim foram tomadas as decisões em cada aldeia: que eles seriam os responsáveis diretos para executar a vigilância e depois discutissem com cada comunidade o que foram presenciadas nas expedições, quais as áreas mais vulneráveis para que seja dada mais atenção a determinados pontos e por fim estruturar estratégias visando cada vez mais, atitudes eficientes nessas operações a campo.

Os trabalhos dos Agentes Ambientais Indígenas tiveram boa repercussão na região de Novo Progresso, mesmo correndo riscos de vida os mesmos realizaram várias descobertas de garimpos e garimpeiros trabalhando com balsas na Terra Indígena Bau, realizaram expulsões da maioria deles principalmente os que exploravam ouro ao longo do curso do rio Curuá. Apreenderam também junto com o IBAMA uma balsa de grande porte, apreenderam madeira extraída ilegalmente e descobriram vários ramais de estradas de fazendeiros que chegam até a margem esquerda do rio Curuaés (Pitxaxá) limite natural com a Terra Indígena Mekrangnotire. Isso tudo aconteceu nas duas primeiras fases da vigilância o que permite de agora em diante marcar mais presença com tempo maior nos limites com fazendeiros. Pretende-se nas próximas incursões identificar pontos tradicionais estratégicos que podem servir como Bases de Vigilância, enfim, locais que possam oferecer estadia temporária e que tenha um mínimo de infraestrutura como casa de palha tradicional, roças, plantio de frutíferas, mostrando-se presenças temporárias ao longo de uma grande distancia (300 km) envolvendo rio Curuá e limite seco e rio Curuaés nas divisas das Terras Indígenas Bau e Mekrangnotire.

Durante a 3ª fase das atividades de vigilância foi possível os Agentes Ambientais Indígenas retornar aos locais que ocorreram as apreensões para certificar se os equipamentos apreendidos permaneciam no local ou não, bem como, as toras de madeiras apreendidas e monitorar mais uma vez cada ponto visitado ao longo do rio Curuá. Concluiu-se a operação confirmando a presença da balsa apreendida pelo IBAMA no mesmo local, também as madeiras e não ocorreram novas invasões, isto serviu para os agentes indígenas tirarem conclusões básicas: de que se houver continuidade das expedições anualmente, se houver aportes de recursos financeiros e tecnológicos que apoiem seus deslocamentos, haverá com certeza mitigação de impacto ambiental no interior e nas bordas dessas terras. Pretende-se aperfeiçoar a forma de trabalhar com a vigilância proveniente desses aportes inclusive evitando deslocamentos e custos desnecessários.

Atividades realizadas pelos agentes, lideranças e funcionário da FUNAI nesta etapa

1ª Fase – foi realizada incursões no interior da Terra Indígena Bau, praticamente percorrendo os locais mais vulneráveis e já visitados nas duas fases anteriores e nada fora constatado em termos de novas invasões ou retirada de bens apreendidos pelo IBAMA proveniente do crime ambiental ocorrido. A base de vigilância foi à aldeia Bau, por aonde chegaram via terrestre devido facilidade logística, todos os aportes necessários, como gasolina, materiais de trabalho, alimentação e pessoal vindos da cidade de Novo Progresso. As embarcações utilizadas são as mesmas que foram doadas pela Conservação Internacional e o PDPI em anos anteriores.

2ª Fase – foi encaminhada ao IBAMA (modelo anexo), OFICIO0019/Instituto Kabu/2008 solicitando averiguação após denúncia, de garimpos em área de terra firme na porção leste da Terra Indígena Bau, grande região ainda não habitada pelos Kayapó.

3ª Fase – fora realizado incursões em todo limite sudoeste e sul da Terra Indígena Mekrangnotire, envolvendo os agentes ambientais, lideranças das aldeias Kubenkokre e Pukanú e participação do chefe do Posto Indígena Kubenkokre (FUNAI), Imá Kayapó.



Fotos 1 e 2. 1) No centro, um dos dois veículos alugado pelo Instituto Kabu para transportar equipe, como era período chuvoso, mês de dezembro, encontraram muitas dificuldades, estradas precárias, atoleiros. 2) Equipe dos agentes, lideranças, à esquerda Adriano Amorim e Nejamrô Kayapó ajudando organizar a logística da expedição. Falava-se ao rádio com as aldeias nos pontos mais improvisados possíveis. Ao fundo, mostra de desmatamento evidente avançando em direção à Terra Indígena Mekrangnotire.

Esta equipe de vigilância percorreu e visitou diversos pontos inclusive os mais estratégicos no limite da área Mekrangnotire com as fazendas que são eles: Ngonhōkwapoj, Mekrākatêrê, Rikaró, Ngobikabetá e Kororoti. Todos esses pontos estão sendo denominados de Bases de Vigilância, locais de observação temporária com boas condições de instalar acampamentos tradicionais com algumas plantações de alimentos, acomodação e estrutura de comunicação com as aldeias. Na avaliação dos Agentes Ambientais, é necessário estruturar esses locais uma vez que a cada ano aumenta o fluxo de pessoas, serviços e desmatamentos, trazendo a pecuária cada vez mais próxima da floresta Kayapó. Observou-se na expedição Kayapó que apesar de esforços governamentais para conter o desmatamento, ele continua acontecendo como se obtivesse autorização oficial. A característica sempre ocorre com a execução da primeira derrubada da mata, posteriormente a mesma é queimada e trabalhada até virar pastagem para o gado.

Apenas um incidente aconteceu nesta expedição com o equipamento GPS, que por motivos desconhecidos parou de funcionar, ficando para trás dados que não complementam as coordenadas já captadas anteriormente.

Conclusão

Há que se comemorar que em menos de um ano de existência do Instituto Kabu muita atividade na área de vigilância foi realizada. Os agentes ambientais indígenas praticamente vasculharam toda porção oeste das Terras Mekrangnotire e Bau por onde encontrasse via de acesso, ficando a porção leste pouquíssimo visitado devido ser uma região considerada remota e ter uma boa parte dividindo com Unidades de Conservação. Entretanto apesar do sucesso dos trabalhos dos agentes Kayapó, muitos desafios virão pela frente. Um deles se refere à atividade garimpeira, na região entre Novo Progresso e Itaituba existem muitos garimpeiros, portanto considera-se risco alto devido aproximação, assédio deles para com os índios. O outro fator é que esses indivíduos são chamados na região de "paus rodados", não tem nenhum tipo de compromisso com a Lei, vivem perambulando e frequentemente são envolvidos com crimes tirando vida de pessoas como se eles fossem meros animais da caça. Os agentes indígenas apreenderam muitas armas de fogo nos acampamentos e existem depoimentos de que o tráfico de drogas está muito presente entre eles. Portanto, é inconcebível dizer que o trabalho no campo não apresente risco constante.

Uma das ferramentas imprescindíveis para fortalecer o trabalho Instituto Kabu com a atividade da vigilância sem dúvida alguma são os mapas que deverão ser disponibilizados em breve pelo Imazon. Com eles haverá possibilidades dos agentes Kayapó realizarem amplas leituras, monitorarem áreas mais vulneráveis e disponibilizarem dados mais recentes através da atividade presencial. A outra questão é a possibilidade de reciclar os agentes ambientais, concluir etapas do Curso de Fiscalização ministrado pelo IBAMA em 2005 e 2006 falta apenas duas etapas. O Instituto Kabu já está articulando com o regional da instituição em Alta Floresta – MT para que essas capacitações sejam executadas em 2009. Espera-se com isso, mais avanço, qualidade, aperfeiçoamento da equipe para tratar com situações tão complexas e desafiadoras visando garantir a conservação.

ANEXO

INSTITUTO KABU

OFICIO 019/IK/2008

24.11.2008

Ilmo. Senhor
HELTON BARROS
Coordenador IBAMA – Operação de Combate ao Desmatamento
Novo Progresso - PA

Prezado Senhor,

Apraz-me cumprimentá-lo, nós Kayapó Mekranoti te desejamos uma boa semana de trabalho com toda sua equipe, almejamos que as atividades tenham sucesso nessa região tão carente de organização, principalmente quanto às questões ambientais.

Com relação a nossa última reunião nesta sede do IBAMA de Novo Progresso, ficou combinado que teríamos que fornecer a Vossa Senhoria as coordenadas das pistas de garimpos e garimpos em terra firme no interior da Terra Indígena Baú.

Desta forma, após ampla investigação e diálogos com os pilotos de aeronaves da região, informamos as seguintes coordenadas dos garimpos em questão: PISTA NOVA 07° 25' 10,0" S e 54° 19' 47,6" W – GARIMPO FUMAÇA 07° 25' 06,3" S e 054° 20' 16,6" W.

Solicitamos o máximo apoio de Vossa Senhoria para atuar dentro da Terra Indígena Bau, complementando o apoio aos nossos Agentes Ambientais Indígenas, nós queremos resolver essa situação independente de quem quer que esteja envolvido e somente com o apoio do órgão ambiental brasileiro poderemos solucionar o problema de poluição das águas e dos impactos localizados existentes nessa área.

Conte com nosso apoio, estamos prontos a colaborar com as melhores estratégias possíveis, porém informamos que o desejo da comunidade é acabar de vez com as atividades garimpeiras na Terra Indígena Bau.

Na esperança de contar com seu apoio e ao desejar-lhe sucesso na sua empreitada, externo-lhe votos de consideração e apreço.

Nejamrô Kayapó